

Scientology: 88

By L. Ron Hubbard

Bibliografia:

Para além da que está na página de dedicatória de “A Ciência da Sobrevivência”, os seguintes livros são material de apoio para uma melhor compreensão da Cientologia:

Cientologia Manual do Preclaro

Cientologia – Procedimentos Avançados e Axiomas

Audição Electropsicométrica

O que Auditar

Livros dos Cursos e Palestras

Preâmbulo

Nestas técnicas simples pode ser difícil descobrir-se a profundidade dos dados que constituem a Cientologia, tal como era difícil descobrir uma terapia simples no meio das técnicas complicadas da Dianética.

A Dianética era um campo produtivo, um passo muito valioso, mas era experimental na sua aplicação. A Cientologia não é uma experiência. Vinte e dois anos de investigação e três anos de ampla aplicação estão por traz dela.

A Cientologia é essencialmente “saber como saber”. Ela produz um estado de espírito onde se torna possível saber porque estás aqui e como atingir as tuas metas.

Um Mest Clear pode ser conseguido só com 80 horas de Cientologia. Por vezes, uma enxaqueca pode ser aliviada só em 50 minutos.

É um campo de milagres, milagres feitos rapidamente por auditores treinados durante muito pouco tempo.

Tenho muito orgulho em vos dar estas técnicas.

Gastei perto de oitenta mil horas em investigação intensiva ao longo de muitos anos para fazer surgir a Cientologia.

Para começar ninguém pensaria que um físico nuclear tivesse alguma coisa a ver com o assunto da mente humana. Depois, quando os primeiros resultados foram comprovados e a Dianética se tornou na “única psicoterapia validada conhecida”, pessoas estranhas, altamente aberradas, começaram a ver nela uma forma de ganharem milhões. Nunca a usaram, não acreditavam nela, mas existe poder no dinheiro e o homem enlouquece com ele. Os últimos dois anos foram assim bastante azedos. Pessoas que só cuidavam delas próprias a tentarem parar este trabalho com vista ao seu próprio ganho, antes mesmo de ele estar completo. Uma tal circunstância ficou totalmente fora de controlo em 1952 quando eu, interessado unicamente em alcançar o que aqui vão ler, fui subitamente atacado por um homem que tinha fingido ser meu amigo. De um momento para o outro esta pessoa tinha feito desaparecerem 125.000 dólares que se destinavam a completar esta investigação.

Tive então de pedir a alguns dos meus amigos que me enviassem o suficiente para completar o meu trabalho. Eles assim fizeram e as suas contribuições permitiram-me continuar até este ponto. Sem a sua ajuda este trabalho teria “terminado” num sentido bastante diferente. Eles permitiram-me um alívio de preocupações financeiras e, mais importante pessoalmente para mim, pude relaxar o suficiente para ter algum processamento.

Irei escrever outros livros sobre estes processos, mas este livro é para eles.

Obrigado.

L. Ron Hubbard

Capítulo Um

O Código do Auditor pode ser encontrado noutros sítios. Aqui é suficiente dizer-se que um auditor é aquele que limpa os erros dos seus companheiros e que um bom auditor, ao fazê-lo, não introduz ainda mais erros.

A meta do auditor é reabilitar a autodeterminação do seu preclaro, devolver-lhe a esperança e poder, e levá-lo a um ponto onde ele, por si mesmo, SAIBA.

O preclaro tem de se apoiar muito pouco na fé, com estas técnicas. Ele faz simplesmente o que lhe é dito para fazer.

O auditor não deve atormentar o preclaro nem pode avaliar as coisas por ele.

Mais importante ainda, o auditor deve escolher como preclaros pessoas que valha a pena salvar, pessoas que, por seu turno, ajudem outros.

Temos tanto a fazer!

Capítulo Dois

A Vida é um estático, de acordo com os axiomas. Um estático não tem movimento. Não tem comprimento de onda. As provas e detalhes disto estão noutros sítios da Cientologia.

Este estático tem a peculiaridade de agir como um “espelho”. Regista e guarda imagens de movimento. Pode até criar movimento e registar e guardar essas imagens. Regista também espaço e tempo a fim de registar o movimento que é, ao fim e ao cabo, apenas “mudança no espaço através do tempo”.

Numa mente, em qualquer mente, a identidade básica é um estático que consegue criar movimento e no qual o movimento pode ser registado.

Uma memória é um registo do universo físico.

Uma memória, qualquer memória, contém um índice temporal (quando sucedeu) e um padrão do movimento.

Tal como um lago reflecte as árvores e as nuvens que passam, também uma memória reflecte o universo físico.

Em qualquer momento de observação são registados neste estático, visão, som, dor, emoção, esforço, conclusões e muitas outras coisas.

Chamamos a uma tal memória um fac-símile. A mente, ao examinar um fac-símile que tenha feito, consegue vê-lo, ouvi-lo, voltar a experimentar a dor que ele contém, o esforço, a emoção.

Existem bilhões de fac-símiles à disposição de qualquer mente. Bilhões de bilhões.

Estes fac-símiles podem ser trazidos ao presente pelo ambiente e, “não vistos” ou “não conhecidos” pela consciência consciente da mente, conseguem voltar a imprimir a sua dor, esforço e aberrações na pessoa, tornando assim menos viável a sua sobrevivência.

Todo o desconhecimento, confusão, aberração, doença psicossomática, tem origem em fac-símiles.

A pessoa acredita que pode usar qualquer fac-símile que alguma vez tenha recebido. Foi ferida e usa o fac-símile de ser ferida para ferir outros.

Mas como uma pessoa sobrevive tanto quanto tudo o mais sobrevive, ferir outro está errado. A pessoa lamenta ter ferido, procurando fazer o tempo andar para trás (que é arrependimento). Deste modo, o fac-símile que usou fica interligado com o fac-símile de o tentar usar e, ambos os fac-símiles “ficam em suspenso” e passam a acompanhar o tempo presente. A pessoa até sente a dor que procurava infligir a outro, pois esta é a acção contra si próprio, do fac-símile que ele tentava dar, através da acção, contra outro.

Quando o preclaro é auditado numa luta da infância em que ele deu um murro no olho de outro rapaz, ele fica espantado por sentir a dor no seu próprio olho no momento do murro.

O mesmo se passa com todos os ferimentos infligidos.

Trata-se aqui de uma simples interacção de imagens de energia.

Trata-se de um “talvez”, de uma indecisão, de inacção. Trata-se de aberração: tentar fazer aos outros – bom ou mau – o que nos fizeram a nós.

Capítulo Três

Se a vida (ou theta, como é chamada em Cientologia – Θ) é um espelho e um criador de movimento que pode ser espelhado, então todas as leis do movimento, do magnetismo, da energia, da matéria, do espaço e do tempo podem ser encontradas espelhadas no pensamento e no comportamento e até o pensamento tem a sua contraparte das leis do universo físico em relação à matéria, energia, espaço e tempo. Deste modo descobre-se que até as leis de Newton estão em operação no pensamento.

Felizmente que não existe uma necessidade imediata de compreensão deste assunto pelo auditor pois, se assim não fosse, antes de poder curar o estropiado ou tornar o capaz ainda mais capaz, ele teria de ser antes um físico nuclear.

No entanto, é desejável alguma compreensão sobre o assunto. De outro modo serão desenvolvidas algumas estranhas filosofias que não beneficiarão ninguém. E a humanidade tem sido sobrecarregada com filosofias que, sem serem comprovadas por quaisquer resultados, alcançaram no entanto uma tal proeminência que devastaram sociedades (por exemplo Schopenhauer ou Nietzsche). Por outro lado muitos esforços científicos ficaram desacreditados por terem tido uma representação filosófica errada. Kant e Hegel arruinaram totalmente qualquer esperança que a física nuclear ou as

humanidades tivessem, ao interpretarem erradamente (e em linguagem ressonante) as filosofias Hindus e outros esforços iniciais de resolução dos mistérios da existência.

Vejamos então como são básicas e simples as razões porque auditamos o que auditamos.

A vida consegue criar movimento, usar movimento ou espelhar movimento. O movimento é uma mudança no espaço. Toda a mudança envolve tempo. Inversamente, para haver tempo, tem de existir mudança.

Se não ocorre mudança temos de novo a ilusão de um estático.

O problema principal com os fac-símiles é eles ficarem “pendurados” no tempo, ficarem então sem tempo e darem o conceito de “não mudança”. O nosso preclaro, embora desejando mudar para melhor, não o consegue pois fica “pendurado” numa memória que não “consegue” mudar. O auditor deseja a mudança. As condições de “sem tempo” e de “para sempre” impedem a mudança e estas condições indesejáveis surgem quando um fac-símile fica “pendurado” no tempo presente. Isto faz com que o preclaro se sinta incapaz de mudar.

O que quer que façam por ele, se não o trouxerem “para o tempo presente” ou (a mesma coisa) se não tirarem os fac-símiles fora do tempo presente, não obterão mudança.

(pag. 51)

Digam ao preclaro para “ver” se consegue encontrar uma “zona branca” à sua volta. Ele vai aperceber-se, de uma forma clara ou fraca, de uma escuridão, de uma brancura manchada de negro, de uma zona cinzenta ou de uma claridade à sua volta, por cima ou por baixo dele. Pode ter padrões ou pode ter cores. Vocês não querem mais nada a não ser brancura.

Digam ao preclaro para “tornar tudo branco”. Ele vai descobrir que se puser a atenção no centro da esfera ou se puxar ou empurrar um pouco, vai tornar a zona branca.

Digam-lhe para a manter branca. Ele vai ter de mudar e de transferir a atenção à volta da zona mas vai conseguir fazê-lo.

Se a atenção começar a deslizar para fora, a zona vai ficar negra para ele. Continuem a dizer-lhe para pôr a atenção de novo no sítio que torna a área à sua volta branca.

Se o tiverem num E-Metro (como deviam) serão capazes de “ler” exactamente o que se está a passar.

Se a agulha subir continuamente para a esquerda (rise), ele está a manter o campo negro. O incidente está a desaparecer.

Se a agulha parar ou estiver “colada”, ele terá uma grande zona de negro no campo que tem de tornar branca. O incidente, com negro nele, não está a desaparecer.

Se a agulha subir e guinar subitamente para a direita (queda) ele acabou de ter um somático e a velocidade e distância da queda mede a quantidade de dor.